

Perspectiva de educação em Paulo Freire: entre concepções e sentidos

Education perspective in Paulo Freire: between conceptions and meanings

Andréa Kochhann ^{1*}

RESUMO

Foi durante o primeiro ano de pandemia, que fui convidada para realizar três palestras – no estilo *lives* pelo *Youtube*, em homenagem ao centenário de Paulo Freire. Em primeiro momento abordei a obra “Por uma Pedagogia da Pergunta” de Freire e Faundez (1985). Em segundo momento obra “Extensão ou comunicação?” de Freire (1983). Em terceiro a obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” de Freire (1996). Como reflexo das *palestras-lives* apresento-lhes este texto, considerando as três obras freirianas e o diálogo pelos círculos de cultura, mediados por tecnologias. Analisar as obras de Freire em meio a pandemia parece-nos estranho, pelo distanciamento humano e uso das tecnologias, mas é pertinente e atual em qualquer situação concreta. Inquietações dos círculos de cultura mediados por tecnologias fomentaram a questão norteadora “Qual a perspectiva de educação em Paulo Freire?”. No traçado das linhas, buscamos de forma autoral indícios de respostas para a concepção e sentido de educação em Freire.

Palavras-chave: Educação; Paulo Freire; Concepção e sentido.

ABSTRACT

It was during the pandemic, which had lasted for a year, that I was invited to give three lectures - in the style of lives on Youtube, in honor of Paulo Freire's centenary. At first I approached the work “For a Pedagogy of the Question” by Paulo Freire and Antonio Faundez (1985). Secondly, I approached the work “Extension or communication?” by Paulo Freire (1983). Thirdly, I approached the work “Pedagogy of Autonomy: necessary knowledge for educational practice” by Paulo Freire (1996). As a reflection of the lectures-lives, I present to you this text, written considering the three Freirean works and the dialogue carried out in conversation circles or culture circles, mediated by technologies. Analyzing Freire's works in the midst of the pandemic seems strange to us, due to human distance and the use of technologies, but in fact it is pertinent and current in any concrete situation. Thus, the concerns of conversation circles mediated by technologies fostered the guiding question of the dialogues “What is Paulo Freire's perspective on education?”. In tracing the lines, we seek, in an authorial way, indications of answers to the conception and meaning of education in Freire.

Keywords: Education; Paulo Freire conception and meaning;

¹ Universidade Estadual de Goiás

*E-mail: andreakochhann@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Foi durante a pandemia, que já perdurava por mais de ano, que enquanto coordenadora do GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, fui convidada para palestrar, na modalidade virtual de lives, sobre o livro “Por uma Pedagogia da Pergunta” de Paulo Freire e Antonio Faundez, momento em que pela primeira vez tive o contato com esse material. Muitos textos de Freire já foram por demais analisados, mas esse, eu não havia tido a oportunidade de analisar. Dessa forma fiz a leitura do mesmo e percebi o quanto o texto de Freire e Faundez (1985) tem formulações atuais.

Foi ainda durante a pandemia, que recebi o convite para palestrar sobre o livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” de Paulo Freire (1996), momento em que revivi o texto agora com o olhar de alguém de se reinventou para possibilitar a construção do conhecimento em tempos pandêmicos. Revivi porque esta obra já era por mim analisada desde 2002, quando ingressei como docente universitária. A cada ano percebia uma vertente que Freire expressava pelas linhas da referida obra. Mas, o olhar que dei a esta nesse momento foi diferente e tive a certeza que não importa o momento que vivemos, Freire está presente.

Não obstante, em outro momento da pandemia recebi o convite para abordar a obra “Extensão ou comunicação?” de Freire (1983), momento em que revivi o texto, pois havia lido o mesmo para a escrita da minha tese que abordou a formação docente e a extensão universitária. Interessante que a cada leitura e releitura percebemos que existem movimentos não compreendidos e ainda por vir a ser, em que compreender as questões semânticas mediante uma temporalidade é importante para a análise do concreto.

Esse artigo é reflexo das palestras-lives, considerando as três obras freirianas e o diálogo efetivado nas rodas de conversas ou círculos de cultura, mediados por tecnologias. Estranho abordar Freire nesse contexto, por memorar que para Freire o diálogo, o enfrentamento e a amorosidade deveriam ser feitos no contato das pessoas. Contudo, Freire e ninguém imaginava a pandemia. O contato em tempos de pandemia precisa ser mediado por tecnologias, desenvolvendo uma nova aprendizagem – o diálogo, o enfrentamento e a amorosidade agora são mediados por tecnologias – em que as palestras-lives se apresentam como rodas de conversa ou círculos de cultura.

Ao passo que realizava as palestras-lives e ao passo que revisitava as obras de Freire, inquietações me assombraram de tal forma que me questioneei: “Qual a perspectiva

de educação em Paulo Freire?”. As inquietações foram tantas que resolvi escrever essas linhas, tentando encontrar a resposta para o questionamento apresentado. De fato, não sei se encontrei. O fato é que busquei a concepção e o sentido da educação na perspectiva de Paulo Freire.

Freire, conhecido no Brasil e no exterior, como o grande educador do mundo, foi registrado como Paulo Reglus Neves Freire. Freire nasceu no estado de Pernambuco, na cidade de Recife, no dia 19 de setembro de 1921, sendo filho do senhor Joaquim Temístocles Freire e da senhora Edeltrudes Neves Freire. Foi alfabetizado por sua mãe, que usava gravetos para escrever embaixo das mangueiras, no quintal de sua casa.

Sua primeira professora foi Eunice Vasconcelos que ensinou Freire a formar não somente sentenças, mas uma formação crítica, levando-o a não ser mais um mero repetidor de ideias. Essa prática deve ser realizada hoje nas escolas e universidade. Freire concluiu a escola primária em Jaboatão. Aos 13 anos Paulo Freire passou por dificuldades financeira devido a morte de seu pai. Concluiu a escola secundária em 1943 e ingressou na Faculdade de Direito de Recife.

Freire apaixonou por Elza Maria Costa Oliveira e casaram no ano de 1944. Elza era professora primária. Com Elza, Freire teve cinco filhos. Em 1947, Freire formou-se em Direito, mas não atuou nessa área. Em 1959, prestou concurso e adquiriu o título de Doutor em Filosofia e História da Educação.

No ano de 1961, foi contemplado com certificado de livre-docente da cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes. No ano de 1964 ocorreu o golpe militar no Brasil que interrompeu e reprimiu o processo de alfabetização que Freire estava realizando, sendo obrigado a asilar-se na embaixada da Bolívia. Logo depois, exilou-se no Chile. Elza faleceu em outubro de 1986 e em 1988, se casa com Ana Maria Araújo Hasche, a Nita, sua orientanda de mestrado.

Freire agregou diversos prêmios, títulos, homenagens, medalhas, até escolas e instituições com seu nome, foi-lhe outorgado o título de “Doutor Honoris Causa” em 39 universidades espalhadas pelo Brasil e no mundo, de “Professor Emérito” e presidente honorário de vários centros de educação. Freire nos faz refletir que em toda sua vida buscou levar a paz através da educação. Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio.

As contribuições da teoria de Paulo Freire não se restringiram a alfabetização e tão pouco apenas aos adultos. Paulo Freire foi o educador para educação popular. Sua

luta foi essencial para classe oprimida conseguir a alfabetização e conscientização. Com um legado gigantesco, sendo possível reinventá-lo em vários contextos, inclusive pandêmico. Assim, iniciamos os indícios de responder a indagação de “Qual a perspectiva de educação de Paulo Freire?” pautados na concepção e sentido de que Freire foi e é o educador do mundo na crença do ser humano pela amorosidade.

POR UMA PEGAGOGIA DA PERGUNTA: entre concepções e sentidos

O livro se efetiva pelo diálogo – entendido como fala e escuta entre dois ou mais seres humanos - entre dois amigos intelectuais orgânicos da classe trabalhadora – Paulo e Antônio. A estrutura do livro é de fato no formato de pergunta, resposta, comentário ... e os temas perpassam suas vidas, no exílio e das experiências advindas de suas estadias em vários países. O que pude perceber ao longo do diálogo entre dois homens intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, é que a resistência e a luta pela autonomia e liberdade das camadas populares, poderiam ser feitas a partir de uma pedagogia da pergunta, que com sua resposta é uma ação interventiva de transformação da realidade. Com esse escopo quero discutir meu singelo recorte que fiz dessa obra.

Freire apresenta que fazer uma obra dialogicamente é algo interessante, uma experiência intelectual rica e criadora. O que nos possibilita dizer que criar é necessário. Aventurar-se é importante. Viver o diferente é preciso. Não importa o tempo e hora, sempre podemos e devemos arriscar. Correr o risco nos faz mover, crescer e transformar. Enquanto professores/educadores precisamos correr riscos pedagógicos. Em tempos de pandemia possivelmente o maior risco foi de aprender o uso das tecnologias para o movimento da aprendizagem síncrona e assíncrona.

Devemos viver a aventura de pensar e dialogar criticamente, com espontaneidade, buscando nosso espaço de liberdade na sociedade. Enquanto homens/mulheres/seres sociais, culturais e políticos devemos e podemos criar juntos no diálogo. Principalmente no campo acadêmico. Como Freire dizia é preciso uma ruptura na acomodação intelectual. Em tempos pandêmicos a acomodação não pode existir. Foi preciso a ruptura com pensamentos pedagógicos arcaicos. Não estou dizendo que os pensamentos arcaicos não sejam importantes. Tudo tem seu tempo e valor. Estou dizendo que em tempos pandêmicos a bola da vez foi a tecnologia.

Freire aprendeu com exílio. O que para muitos seria somente negatividade, para Freire foi aprendizagem. Defendia que devemos aprender a superar a negatividade. Para isso é preciso uma ruptura. A ruptura está em apreender e aprender as positivities do

novo contexto que se apresenta como negatividade. Estamos vivendo um período conturbado com a pandemia do COVID 19. O mundo parou, se isolou. Negatividade apenas. Não. Não é negatividade apenas. Tivemos que aprender. Tivemos que criar. Tivemos que recuar. Tivemos que avançar. Tivemos que aprender na negatividade a sua positividade. Negatividade na positividade e positividade na negatividade, isto denominamos dialética do aprendizado na contradição.

Na busca pela positividade da negatividade precisamos interpretar a realidade e transformá-la ou não, mas é preciso compreendê-la. Assim, a pesquisa é o movimento pela compreensão crítica e histórica do real. Conhecer o real nos possibilita aprender a operar melhor ou menos traumática a cotidianidade. O cotidiano não é só negatividade. Se aprendermos a operar a cotidianidade, podemos perceber as positivities. Então, o exílio e a pandemia não podem ser vistos somente na negatividade. O movimento da pesquisa com finalidade de compreensão do real pode nos apresentar as positivities e desafios ao avançar, ao ser melhor, individual e coletivamente.

Nesse movimento, Freire diz que precisamos aprender a ser um novo ser. Precisamos viver a alfabetização do ser perante a cotidianidade que se apresenta. Isso fomentaria uma transformação revolucionária. Como professora/educadora me questiono se de fato o que o ser humano quer é uma transformação revolucionária. Na contra mão desse processo também me questiono se eu como professora/educadora quero e consigo me mover para uma transformação revolucionária.

Digo isso, pois lembrando Freire a curiosidade do estudante muitas vezes pode abalar a certeza do professor. A certeza do professor muitas vezes é a verdade rigorosa existente e em nome disso pode provocar a castração da curiosidade do estudante. A rigorosidade não pode ser colocada em xeque pela curiosidade. Democracia e liberdade não inviabilizam a rigorosidade. É preciso perguntar. A pergunta é um desafio que move o ser humano. É preciso duvidar do que está posto. Avançamos quando duvidamos e perguntamos. Duvidar não é sinônimo de falta de rigor. Perguntar quando duvidamos nos move a transformação do que está posto.

Freire discute que não é perguntar por perguntar ou ignorar o perguntar. O que defendemos não é uma pergunta solta ou sem sentido de ser, mas uma pergunta que parte da dúvida e do assombro com a realidade. A realidade que nos é apresentada, precisa ser compreendida por nós. Isso pode acontecer quando nos assombramos com os fatos reais

e corremos o risco de perguntar sobre nossa existência e tudo o que nos cerca. A realidade da pandemia nos assombrou. E o que fizemos com nosso assombro?

Se existimos precisamos nos assombrar com as coisas e perguntara sobre elas. Nesse contexto que se torna preciso ligar a pergunta à resposta a ações realizadas ou a serem realizadas. As respostas a pergunta devem ser com base no concreto real presente ou futuro. Devem ser respostas pensadas, dialogadas, críticas e serenas e não meras respostas. Nossas perguntas sobre o momento que estamos vivendo são de respostas pensadas ou meras respostas? Ou seja, em nossas vidas, incluindo, agora, o contexto da pandemia, desenvolver a ação-reflexão-ação, ou seja, uma relação teoria-prática e prática; pensar-sendo e ser-pensando, sem dicotomias entre um e outro.

Nesse momento sinto desejo de retomar a análise de que a força do negativo no conhecimento é essencial ao conhecimento. Negar o que está posto é duvidar, é errar, é arriscar, é ter curiosidade, é perguntar. É preciso negar e duvidar de tudo, fazendo perguntas e construindo respostas no movimento real. Então, me questiono se eu professora/educadora sou da pedagogia da pergunta ou da pedagogia da resposta. Espero ser da pedagogia da pergunta.

O que muitas vezes vemos nos espaços educacionais e no meio social de forma em geral é a pedagogia da resposta e não a pedagogia da pergunta. Freire diz que na pedagogia da resposta as pessoas não se assombram, não se arriscam, não se indignam. Apenas aceitam respostas. Nem se quer aprendem a fazer perguntas. Se acomodam e alienam em respostas pragmáticas e burocráticas.

Ao perguntar podemos criar e isso é revolucionário. Ao aceitar todas as respostas prontas não criamos e isso é burocratizar o conhecimento. O sistema capitalista quer a burocratização e não a revolução crítica, criadora e transformadora. Querem embrutecer a capacidade inventiva e criadora do educando. Burocratizando o conhecimento pela pedagogia da resposta, o capitalismo neoliberal se fortalece. Novas perguntas me vêm em mente. Como promover a transformação revolucionária.

Freire apresenta que é preciso reinventar o poder. Para isso é necessário reinventar a luta. É preciso recriar a educação por uma transição revolucionária, em que devemos reinventar a cultura, a linguagem, a arte, a maneira de comer e de beber. É preciso reinventar a vida. Criar uma nova sociedade. Reinventar-nos. Seja individual ou coletivamente. Nessa linha de pensamento, me remeto a Gramsci que trouxe a questão da

práxis criadora, transformadora e revolucionária como o movimento necessário para sair de uma situação complexa. É no caos que a tomada de decisão não pode ser adiada.

Estamos no caos. A pandemia do COVID 19, parou o mundo e o caos instalou-se na vida do ser humano. Compreender a realidade concreta é imprescindível nesse momento. A educação precisa ser reinventada. A pedagogia precisa ser reinventada. Mediante o caos eu questiono, porque não reinventar a educação pela pedagogia da pergunta, com uma práxis criadora, crítica, transformadora e revolucionária. Assim, continuamos com os indícios de responder a indagação de “Qual a perspectiva de educação em Paulo Freire?” pautados na concepção e sentido de que Freire foi e é o educador do mundo pela pergunta.

EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO: entre concepções e sentidos

O livro se efetiva pela discussão que Freire faz considerando a comunicação e não somente uma mera extensão educativa. A estrutura do livro se configura por três capítulos, que de forma interessante vai tecendo uma linha de raciocínio que nos move a pensar sobre nossas atitudes como educadores para crítica, autonomia e emancipação, que julgamos ser – no meu caso. Os capítulos não tem títulos e se dividem esteticamente em dois itens cada, configurando uma discussão em seis tópicos. O primeiro capítulo se configura por “Aproximação semântica ao termo extensão e O equívoco gnosiológico da extensão”. O segundo capítulo se configura por “Extensão e invasão cultural e Reforma agrária, transformação cultural e o papel do agrônomo educador”. O terceiro capítulo se configura por “Extensão ou comunicação? E A educação como uma situação gnosiológica”.

A análise que fazemos é que Freire objetivava que nós educadores, independente da formação inicial, possamos pensar sobre o pensar de nossas práticas educativas e fazer dos momentos de ensino-aprendizagem, momentos de criação crítica e emancipadora, para o enfrentamento das condições reais e concretas com entendimento inclusive, político da situação. Apesar dessa obra ser escrita considerando as vivências de Freire no Chile e discutir a prática educativa no campo é possível trazer suas considerações para o momento atual do Brasil – pandêmico e no processo de construção de aprendizagens nas escolas e em qualquer outro espaço que requeira conhecimento pedagógico – todos. Assim, Freire problematiza nesse livro a relação entre o agrônomo e o camponês pela extensão no sentido de apenas um saber e o outro nada saber, relacionando ao professor e aluno.

A abordagem que Freire apresenta no primeiro capítulo provoca uma análise semântica de nossa prática educativa, visto que tensiona sobre a concepção de estender o conhecimento que o professor tem até o aluno ou comunicar objetivando mudanças conceituais no aluno. Esse tensionamento se estabelece justamente ao ler o título do livro em que aparece extensão e não estender. Além disso o tensionamento no sentido de extensão ou comunicação, sendo que nossa defesa é no sentido questionador que o educador deve ter.

Considerando a análise semântica que Freire apresenta, precisamos concordar que o termo extensão, em décadas outrora, de fato tinha a concepção de apenas estender um conhecimento para outrem que supostamente não tinha conhecimento, objetivando uma extensão educativa e, no caso da comunicação educativa considera que ambos têm conhecimentos que se comunicam e multiplicam. Assim, pela semântica, analisada na época, Freire defendia a comunicação em qualquer prática educativa e em qualquer espaço.

Concordamos com Freire ao apresentar que a aprendizagem e o conhecimento só ocorrem quando seres humanos se encontram e se percebem seres humanos e não objetos que podem ser anulados, manipulado ou aniquilados, mas quando dialogam entre si a partir do mundo real e concreto, no movimento de educar e educar-se. É com esse conceito que Freire defende que nem o agrônomo, nem o professor devem anular o conhecimento do camponês ou do aluno, mas, partindo desse conhecimento e valorizando esse conhecimento, agregar novos conhecimentos, construir junto novos conhecimentos. Para isso, é preciso conhecer a cultura e tudo o que cerca o camponês ou aluno. Não falamos de estender o que o agrônomo ou professor sabem até o camponês ou aluno, ignorando seus conhecimentos. Falamos de comunicação que se efetiva entre ambos por meio de diálogo sobre os problemas reais e concretos e juntos, cada qual com seu conhecimento, buscar a solução, assim evitamos o equívoco gnosiológico do termo extensão e despertamos a curiosidade crítica e criadora, que emancipa.

No segundo capítulo Freire discute sobre a questão da antialogicidade e a dialogicidade na ação educativa, considerando que o ato de estender o conhecimento pela extensão se torna uma antialogicidade e pode provocar a invasão cultural, que é a anulação da cultura de um por outrem que se posta como superior, muitas vezes por manipulação ou massificação velada, que transforma o homem em objeto, reificando-o, característica de uma extensão assistencialista.

Por isso a importância de compreendermos que a dialogicidade ou a comunicação é a possibilidade de construção de conhecimentos, respeitando as potencialidades de cada um, em seu tempo e espaço, primando pela transformação constante da realidade concreta em que ambos – agrônomo e camponês, professor e aluno – dialogam. No movimento do diálogo com sua realidade concreta, problematizando, criticando e dialogando, o homem se faz verdadeiro sujeito transformador.

Outra discussão que Freire apresenta nesse texto é quanto o papel do agrônomo no processo da reforma agrária que é uma ação política. Ao se pensar no professor e nas reformas educacionais, precisamos também pensar que são ações políticas. Sendo preciso uma análise crítica das reformas, para que as mesmas não sejam meramente ações mecânicas, tecnicistas e até mesmo manipuladoras, em que o sujeito da transformação – camponês e aluno, estão postos de lado do diálogo. As reformas, agrárias ou educacionais, podem valorizar a cultura e emancipar, como também – sendo mais comum – tecnificar e alienar.

No terceiro capítulo Freire apresenta que o mundo humano é o mundo da comunicação. O sujeito cognoscente e o objeto cognoscível devem desenvolver uma relação gnosiológica, se almejam a transformação da realidade, que é cultural e histórica. Nesse contexto precisamos discutir que a comunicação ou o diálogo se dá entre sujeitos cognoscentes e o objeto cognoscível, os quais conversam, discutem, debatem, dialogam, transformam e transformam-se e não pela extensão do pensado de um sujeito até o outro.

Freire afirma que a educação pode ser considerada como comunicação e diálogo se não houver transferência de conhecimentos, mas quando há interlocução entre os sujeitos. Por isso as linhas desse livro, escrito 60 anos atrás, tensiona o sentido de extensão como sendo o estender um conhecimento meramente técnico do agrônomo ao camponês, anulando o conhecimento real e concreto deste, subjugando-o, invadindo sua cultura. Defende a comunicação como processo educativo em qualquer espaço e tempo. Assim, seria preciso um agrônomo educador que dialoga e não um agrônomo extensionista. Da mesma forma, seria preciso um professor educador que dialoga e não um professor extensionista.

Freire finaliza sua discussão considerando que o homem não nasce humano e se faz nas relações sociais, essas relações se estabelecem no mundo social que é histórico e cultural, que em uma relação permanente de trocas os homens transformam o mundo e se transformam. Esse homem, seja agrônomo ou professor, camponês ou aluno, na relação

educador-educando, devem primar por um processo educativo libertador, que pela comunicação entre sujeitos cognoscentes e objetos cognoscíveis, transformam e transformam-se, emancipando e emancipando-se e não alienando e alienando-se.

Freire ao fazer a correlação entre o agrônomo e o camponês com o professor e o aluno nos mostra que a importância do aprendizado questionador, do diálogo crítico com a realidade, das ações e pensamentos dinâmicos, da transformação de pensamento, entre outros pontos. Como estudiosa da extensão universitária, contextualizo a questão semântica, quanto a defender que a concepção da extensão precisa ser compreendida no movimento de vir a ser uma práxis educativa para a crítica e emancipação, quando compreendida como diálogo com trocas de saberes, reconhecendo a importância de ambos no movimento e para o crescimento e não como mera ação assistencialista, pragmática, técnica e prática. Assim, prosseguimos com os indícios de responder a indagação de “Qual a perspectiva de educação de Paulo Freire?” pautados na concepção e sentido de que Freire foi e é o educador do mundo pelo diálogo, pela comunicação.

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: entre concepções e sentidos

O livro se efetiva pela discussão que Freire faz considerando vinte e sete saberes que para ele são imprescindíveis à prática educativa. A estrutura do livro se configura por três capítulos, que de forma harmônica, cada capítulo apresenta nove dos vinte e sete saberes. O primeiro capítulo é intitulado por “Não há docência sem discência”. O segundo capítulo é intitulado por “Ensinar não é transferir conhecimentos”. O terceiro capítulo é intitulado por “Ensinar é uma especificidade humana”.

Freire apresenta de forma clara e objetiva que o professor desempenha um importante papel no processo formativo, como mediador das ações pedagógicas, e para tal seu posicionamento teórico e suas escolhas metodológicas são imprescindíveis, considerando que os estudantes serão os protagonistas de todo o movimento, mas, mediados pelos professores. Por isso, Freire apresenta que os professores devem vivenciar os vinte e sete saberes no movimento da prática educativa.

O diálogo estabelecido por Freire no primeiro capítulo perpassa pelos saberes de que o movimento se efetiva entre professor e estudante, entre ensinar e aprender, considerando que ensinar exige rigorosidade metódica com curiosidade epistemológica, ensinar exige pesquisa da problemática social com consciência crítica, ensinar exige respeito aos saberes dos educandos partindo do princípio de que a prática social que estão inseridos lhe possibilitam aprendizagem inicial, ensinar exige criticidade pelo

engajamento com a inquietação e questionamentos, ensinar exige estética e ética em que nos vemos e percebemos como cidadãos, ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo no movimento do viver como anunciado visto que o corpo diz mais do que palavras, ensinar exige risco assim como a aceitação de novo e rejeição a qualquer forma de discriminação independente da parte de quem for, ensinar exige reflexão crítica sobre a prática unindo a teoria e prática de forma que fomentem a emancipação e, por fim, ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural pois como seres humanos estamos inseridos em uma cultura que fomenta nossa base social e histórica de conhecimentos.

Freire avança no diálogo apresentando no segundo capítulo que o professor precisa criar condições de construção do conhecimento por parte do aluno e para isso ensinar exige uma postura rigorosa para a prática da docência, considerando que ensinar exige consciência do inacabamento e que sempre devemos buscar aprofundar nos conhecimentos, ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado e inconclusos que necessitam buscar ultrapassar os limites do conhecimento, ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando primando pela mediação da capacidade criadora e crítica com liberdade do educando, ensinar exige bom senso no processo de mediar e avaliar visando o desenvolvimento da crítica, ensinar exige humildade com tolerância pela resistência na luta visando a transformação do ser humano, ensinar exige apreensão da realidade no sentido de que a prática docente precisa se valer do real concreto para desenvolver a curiosidade e a crítica em si e no aluno, ensinar exige alegria e esperança quanto a perceber o movimento da vida e construir possibilidades de transformação do real sem a negatividade e a aceitação do acabamento, ensinar exige a convicção de que a mudança é possível se pautada na busca de construir a história considerando o real e acreditando nos saberes e inquietações da curiosidade típica do ser humano que move o mundo e ensinar exige curiosidade para em sua inquietude primar por conhecer, investigar, duvidar, provocar, perguntar e reconhecer que na contradição o conhecimento se alicerça.

Como forma de avançar no diálogo Freire apresenta no terceiro capítulo que o movimento do ensinar é uma especificidade humana, ontologicamente humana e teleologicamente humana e para isso ensinar exige segurança em sua competência profissional pelo domínio teórico-prático e pela generosidade inerente ao ser humano que pode ser destruída pelas relações estabelecidas, ensinar exige comprometimento perante

as demandas de sua profissão e com os objetivos para com seus alunos e o processo de ensinar e aprender considerando as questões materiais e respeitando as diferenças entre os seres humanos e sociais, ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo e que a postura do docente certa ou errada irá influenciar e demarcar posicionamento de reprodução ou transformação, ensinar exige liberdade e autoridade para criação e decisão de defesas e enfrentamentos na luta e resistência do processo de ensinar e aprender, ensinar exige tomada consciente de decisões por parte do professor que é um ser político de natureza inacabada e que pode ser de posicionamento crítico, ensinar exige saber escutar na mesma medida em que precisa falar ou mais para que seu aluno perceba a importância da análise dos fatos pela escuta para depois se posicionar pela fala, ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica e carregada de intencionalidade que pode oprimir ou libertar na medida em que a postura e o discurso do professor fomenta ou anula a curiosidade e a crítica dos alunos, ensinar exige disponibilidade para o diálogo entendendo que o diálogo são falas contraditórias que movimentam o pensar e a análise dos fatos postos em questão e, ensinar exige querer bem aos educandos no sentido de perceberem que todos têm potencial e que no seu tempo e espaço podem superar as barreiras do real concreto.

Freire deixa seu legado pelo menos para a minha pessoa, que se percebe no mundo como educadora ao compreender que de fato não há docência sem discência, bem como ensinar não é transferir conhecimentos e que ensinar é uma especificidade ontologicamente humana. Se me percebo educadora e reconheço que o movimento de educar passa por educar-se, de criticar passa por criticar-se, de revolucionar passa por revolucionar-se e outros tantos movimentos, me sinto confortável para dizer que minha caminhada na prática educativa tem sido de construção de uma pedagogia da autonomia que se alicerça nas perguntas pela comunicação e extensão que se efetiva a cada dia, mesmo em tempos pandêmicos, em que tive que me reinventar como educadora. Assim, caminhamos com os indícios de responder a indagação de “Qual a perspectiva de educação de Paulo Freire?” pautados na concepção e sentido de que Freire foi e é o educador do mundo pela autonomia do ser humano.

CONSIDERAÇÕES

Freire se assombrou com o mundo enquanto viveu seu exílio. Ao se assombrar, se arriscou fazendo perguntas, ligadas a respostas com ações realizadas ou por serem realizadas, provocando o pensar crítico, criador e transformador. Nós estamos vivendo o

exílio em nosso próprio país, em nossa própria cidade, em nossa própria casa. A pandemia do COVID 19 nos isolou do mundo e das pessoas. Esse estilo de exílio não pode ser somente negatividade.

Freire Freire viveu várias experiências e de todas elas pensou e repensou o sentido sentido de educar, educador, educando, em que o movimento pode alienar ou emancipar, independente do tempo e espaço. As relações entre os sujeitos cognoscentes e o objeto cognoscível é que vai dizer no movimento se aliena ou emancipa. Em tempos de pandemia e como estudiosa da extensão acadêmica, processual e orgânica, defendo a comunicação com crítica para à emancipação.

Freire se dedicou à classe trabalhadora, aos oprimidos, aos explorados, aos marginalizados e quem sabe posso dizer, aos professores. Sua última obra destinada aos professores, talvez possa ser compreendida como um alerta ou uma chamada para análise de sua práxis, aos profissionais da educação, que são da classe trabalhadora e, de certa forma, oprimidos, explorados, marginalizados, entre tantas outras nomenclaturas que podemos inferir.

Considerando as três palestras-lives, mediadas por tecnologias, realizadas durante a pandemia, a partir de obras de Paulo Freire, que fomentaram várias inquietações em mim acredito que a perspectiva de educação de Freire era de fato educar para a pergunta, o diálogo, a comunicação, a autonomia, que fomentam a emancipação. Eu como educadora/professora compreendo o real, admito que minha práxis pode ser burocratizante e negativista, afirmando a educação bancária/conversadora de que tratam muitos textos de Freire mas, também, posso me transformar como educadora-professora, e desenvolver um processo educativo político-emancipador-libertador, pela comunicação e pela extensão acadêmica e crítica, que contribue no seu em-sendo com a transformação revolucionária da sociedade, em que, via educação, os valores do trabalho vão conquistando a hegemonia sobre os valores do capital e com isso, passando a ter uma sociedade justa, igualitária, solidária, fraterna e com autonomia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KOCHHANN, Andréa. **Formação docente e extensão universitária**: tessituras entre concepções, sentidos e construções. Tese de Doutorado (Educação). Brasília: UnB, 2019. In: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36801> Acesso em: 02 jun. 2021

KOCHHANN, Andréa. **Epistemologia da extensão universitária**: constructos iniciais. Kelps: Goiânia, 2021.